

**Tijolos, Casas e Pontes:
a obra de Lygia Bojunga Nunes(2)**

"O escritor é o livro que ele escreve."

"Eu sou leitora, logo eu crio."

LYGIA BOJUNGA NUNES

Quem é esta escritora que em 1982 recebeu o prêmio Hans Christian Andersen, concedido pelo IBBY (International Board on Books for Young People), com sede na Suíça? Que tem suas obras traduzidas para o alemão, francês, inglês, espanhol, dinamarquês, finlandês, islandês, sueco, norueguês, holandês, tcheco e catalão? Que pode ver seus livros chegarem às mãos dos jovens leitores portugueses, através de adaptações de Natércia ROCHA e Alice VIEIRA? Que pode assistir ao *Corda Bamba* filmado na Suécia? Que, mesmo relutando, deixou seus personagens "que nasceram e cresceram em livros, sem gostar de sair lá fora", "tomarem corpo num palco" através do talento de Bia LESSA que adaptou *Sete Cartas e Dois Sonhos* para o teatro – a peça *O Pintor* que lhe valeu os prêmios Molière e Mambembe? Que, fiel às próprias origens no teatro, publicou sua visão cênica de *O Pintor e Nós Três*, através da Coleção Teatro, da Editora Agir? Que viaja pelo Brasil, América e Europa, encenando um monólogo que declara seu amor ao LIVRO?

É uma Leitora apaixonada e assim mesmo capaz de generosamente partilhar com outros amigos leitores sua intimidade com o livro.

É a Lygia, "amiga de Rilke, do Machado, da Clarice, do Drummond porque a gente fala de escritor que curte, feito coisa que tivesse sido criado junto. Eu acho isso tão gostoso! O Dickens, o Flaubert; o Eça; o Bandeira...".

1 Doutora em Literatura Portuguesa pela USP.

2 Embora não estejam referenciadas as citações, este texto é extraído quase literalmente do conjunto das obras de Lygia Bojunga NUNES.

Ela nasceu em Pelotas, no Rio Grande do Sul, mas há grandes suspeitas de que tenha nascido num barco, não no meio do rio grande, mas de um mar pequeno onde cabia um barro de jornal – com um anúncio na vela oferecendo emprego à cozinheira, a notícia do homem que se atirou do Pão de Açúcar e o retrato do Robert Redford. Foi num dia tão importante que lhe deram uma vida inteira de presente.

Soube através da edição portuguesa de Corda Bamba que ela mora em Santa Teresa no Rio de Janeiro, em Londres e também no fim de um vale no Estado do Rio. Só assim descobri por que ela fala de tantas portas e tantas janelas! Portas cinzas, vermelhas, azuis..., que podem abrir tanto para o passado como para o futuro. Portas fechadas, que quando abertas nos permitem entrar na dor de um mistério. Porta pintada de verde, empenada há tempo e já não mais habituada a fechar e muito menos a se trancar. Porta diferente de tamanho e de feitio, diferente de pintura também com uma porção de pinceladas, cada uma de uma tinta. Janelas com vidro fosco, onde se pode ler TROCA e TAREFA, janelas diferentes, uma arredondada em cima, como um arco, pintada de verde e dando de cara pro areião e pro mar, janela emperrada que se diverte em deixar as pessoas aflitas. Janelas de onde se vêem prédios, antenas e outras janelas. Fechadas ou vazias ou com pessoas que, esperamos, nos olhem também. Foi numa delas que eu vi OMAR. Outra paixão de Lygia. É tão apaixonada por ele que até o perdoou, mesmo não tendo ele devolvido o Rilke que levava emprestado. Foi um caso impressionantíssimo. Ela estava lá sentada numa pedra, lendo o Rilke pro namorado, o mar esticou uma onda e levou o livro. O Rilke não se afogou como ela pensa. Está sendo lido por muita gente como o Davi, a Mariana, o pescador, por barcos que gostam de ouvir histórias, por navegantes solitários que curtem pescar e desejam uma companhia.

A Lygia adora o verde (as cores, eu acho que ela gosta de todas – depois do amarelo(3)-, a ponto de dar uma história a cada uma. Basta confirmar no trabalho que começou com os quadros da Tomie Otake em Sete Cartas e Dois Sonhos, hoje Meu Amigo Pintor e, no teatro, O Pintor. As cores todas estão lá, andando e falando). Mas é de um outro verde que eu quero dizer: o da mata. Tanto que ela deu de presente pro Vítor, tatu arqueólogo, uma viagem para a Amazônia, já que ele estava louco pra ver verde bem de perto, pra ver planta, pra ver tudo que ela e ele querem defender.

Para provar que a LYGIA curte(4) tudo isso de que falei até agora, mostro pra vocês um documento escrito por ela:

"Pra poder olhar. E vibrar. Lá na frente tinha um morro pequeno. Redondo cheio de flor. Flor alta, baixa, rentinha no chão, dava um vento e elas iam pra lá e pra cá. E tinha também um caminho que ia subindo e virando no meio daquele mundo de flor. De um lado do morro tinha uma floresta grande onde a lua estava querendo entrar, e era só olhar pras árvores – cada uma grande assim – que a gente ficava logo sabendo que lá no meio delas tinha cascata, rio, gruta, caverna, coisa á beça pra descobrir. Do outro lado

3 Em tempo: ela não gosta da cor-de-burro-quando-foge, como a professora do Alexandre.

4 Está na hora de explicar que foi a Lygia que me despertou para o **curtir** – verbo da terceira conjugação, já dicionarizado na acepção de apreciar profunda e informalmente.

do morro vinha saindo um sol de dentro do mar. Mar claro, de onda mansa e água morna. Bem em cima do morro, meio tapada de flor, tinha uma casa bem branca, com uma janela de cada lado e mais uma porta azul. "

CASA. JANELA. PORTA. MAR. MATA. Tudo bem juntinho pra não deixar dúvidas.

Ela é irrequieta, por isso viaja tanto. Do mar pra mata, de casa pra casa, de cidade pra cidade. Ela carrega uma valise. NAO! A Lygia não carrega valise, usa uma mala (com cacófato e tudo) muito especial, feita pelo mesmo fabricante da mala da avó do Vítor. daquelas que duram pra sempre... espaçosas o bastante para levar o álbum de fotos – que registra o passado –, a lente e o diário de viagem – que examinam e registram o presente –, com lugar reservado para, pedaço por pedaço, o futuro ir-se construindo. Foi numa viagem que ela achou a mala igualzinha à sua: forrada de fazenda franzidinha marrom claro feito couro, do lado tinha um bolso pra guardar coisa miúda, dos cantos saía um fita que dava um laço no meio. Dentro do bolsinho encontrou um bilhete:

*"Para quem encontrar esta mala.
A dona desta mala morreu aqui defendendo terra que era de índio, terra que era de bicho, terra que era de planta. Ela pediu para entregar a mala para o neto dela: o Vítor. Ela diz que é importante entregar a encomenda para ele.
POR FAVOR! COLABORE. "*

Lygia inventou um inventor que entregou a mala pro Vítor.

Desconfio que Lygia é muito amiga do fabricante de malas, bolsas e maletas. Ela costuma dar *Bolsas Amarelas* de presente. Eu ganhei uma delas, de uma amiga que também mora no Rio. De início achei muito grande, muito amarela, um pouco desconfortável para carregar no ombro, pois eu não tinha nem ombro, nem mais idade para carregar mochilas. Mas eu não havia aberto a bolsa. Até que abri e vi tanto bolsinho, tanto lugar para esconder as miudezas. Dava até para levar "uma guarda-chuva" lá dentro, o que é muito útil aqui em Santos, onde chove sem aviso prévio. Então me apaixonei pela bolsa. E tanto que, quando a empresto para alguém, fico esperando que ela volte logo. Eu a examino direitinho antes de guardá-la na estante, para ver se não tiraram de lá o meu papagaio (explico: este papagaio não é irmão do galo nem do pavão – é irmão da pipa) que ainda deixo guardado na Bolsa porquê não chegou a minha hora de o empinar.

E as maletas? Numa reunião de professores eu conheci pessoalmente a professora do Alexandre. A Lygia deu pra ela uma maleta e contou a história pra todo mundo. Eu a reconheci pela maleta. Ou melhor, por estar uma com a outra: as duas eram gorduchas. Ela está dando aula em outra escola e é professora do Rodrigo, que já se decidiu e vai ser mesmo professor. Soube que estão fazendo mais embrulhos de todas as cores pra levarem às escolas e ensinarem às crianças a partir da própria vida. Eles usam uma maleta igual, com o desenho de um garoto e uma menina de mãos dadas, vestindo igual, cabelo igual, risada igual. Como estas maletas estão muito raras no comércio, duvido que alguém possa comprar, ou dar uma de presente, nem mesmo a Lygia. Ela só fez o anúncio da maleta, falou de suas mil-e-uma utilidades, explicou o que se pode colocar em cada pacote e a cor mais adequada do papel a ser usado. Por isso, eu que

vivo de lá pra cá com sacolas cheias de livros e provas de alunos, resolvi fazer uma adaptação na já antiga. Tratei de tirar os envelopes pardos cor-de-burro-quando-foge e coloquei outros: um azul, um cor-de-rosa, um amarelo, um vermelho..., mas a minha coleção ainda está incompleta...

Não quero misturar alhos com bugalhos. Aqui eu quero escrever a história da Lygia e não a minha história.

Ela também curte ficar em casa, pôr mobília nas salas, andar por corredores cheios de portas, entrar numa varanda, passar por quartos com armários e gavetas, chegar a cozinhas e banheiros com banheiras transformadoras de mágoas. Ela adora ficar olhando a arrumação bonita que faz nos quartos. Como Maria, ela escolhe os sofás onde vai sentar-se para conversar com as pessoas. Estas arrumações falam da disposição dos objetos no imaginário, ora de reminiscências, ora de desejos. Mas é com um *Sofá Estampado* que ela tem certa intimidade, a ponto de conheci-lo além do estampado amarelo bem clarinho, todo salpicado de flor; ora violeta, ora margarida, e lá uma vez que outra também tem um monsenhor – ela o conhece por dentro: com molas, tachinhas e fiapos... O sofá estampado é uma graça. Gorducho. Braços redondos. Fazenda bem-esticada. Mais pra baixo que pra alto. Local seguro pra se ficar fugida do medo e, como todo mundo, se encorujar, se encaracolar, se entatuzar, e se entocar lá no fundo, no lugar do mistério. No entanto, quando isto acontece, vem a voz que diz:

A C O R D A E A N D A! (Ou será a *Corda Bamba?*). E ela pega uma linha, corda ou ponte bem fininha e vai pra mesa de trabalho. Cada ano que passa ela fica mais horas sentada à mesa. Já conhece de cor cada pedacinho dela. Onde a madeira é mais clara, mais escura; se tem racha, arranhão, se tem mancha... Tudo tem lugar certo na mesa dela... o papel, o lápis, o apontador, a borracha. Ela não se separa deles desde o dia em que enfiou a máquina de escrever bem fundo lá dentro do armário e saiu correndo para comprar borracha, lápis, tudo novo porque a mão dela queria se encontrar com a madeira do lápis. Saudade do tempo em que era artesã da escrita e fazia caligrafia escolar. Escrevendo, Lygia se aproxima de seus leitores. As cartas e bilhetes presentes em suas obras mostram essa opção de escrita, capaz de trazer mais perto um amigo distante e conversar com ele. E tomando intimidade com as palavras, Lygia fez uma ponte segura entre a leitora e a escritora. Sua obra já vem ligando jovens do mundo, como ela própria falou de Jella LEPMAM, pois a fantasia e a energia são alicerces seguros sobre os quais se constroem as pontes.

Não há dúvida de que esta construção foi feita com tijolos especiais. Os mesmos com que se constroem casas onde as crianças vão morar.

E Lygia, engenheira, arquiteta, mestre-de-obras e carpinteira, vai escrevendo livros ávidos de leitores, pois cada texto os provoca, obriga-os a ouvir..., a ouvirem-se.

A obra de Lygia Bojunga NUNES evoca a imagem perfeita criada por STENDHAL ao falar da relação livro-leitor:

"O romance é como um arco de violino, a caixa de ressonância é a alma do leitor".